

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE A
ANTIGUIDADE
φαίνη

PHAINE

**Em nome da Hélade: O Sacrifício
Voluntário em *Ifigénia em Áulide* de
Eurípides**

**On behalf of Hellas: The Voluntary
Sacrifice *Iphigenia in Aulis* of
Euripides**

Alexandra Coelho Santos¹
**Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos, Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra - UC**

Resumo: A tragédia grega evoca os mitos nos seus versos de modo a espelhar o universo da *pólis*. O teatro de Eurípides se assenta também nesses mitos, traduzindo-os numa vertente extremamente humanista, em que o homem se torna o centro de toda a sua arte, numa época perpassada por transformações políticas, sociais e culturais. Em *Ifigénia em Áulide* o poeta conduz-nos perante personagens que se debatem com a noção de dever para com o seu grupo social, sob o qual

está construída a estrutura da *pólis*, e o dever que têm com o grupo familiar. Pretende este artigo analisar a obra tendo em conta a temática do sacrifício voluntário em prol da comunidade, ato que nos levará ao encontro dos dilemas das personagens como Agamémnon e Ifigénia, face a um destino já preconizado pelo oráculo de Ártemis.

PALAVRAS-CHAVE: Tragédia grega. Eurípides. *Ifigénia em Áulide*. Sacrifício humano.

Abstract: The Greek tragedy evokes the myths in its verses to mirror the *pólis* universe. The Euripides' theater piece is also based on these myths, translating them in an extremely humanistic way, where man becomes the center of all its gear at a time permeated by political, social and cultural transformations. In *Iphigenia in Aulis* the poet leads us before characters who struggle with the notion of duty to their social group, under which it is built the structure of the *pólis*, and the duty they have with the family group. This article aims to analyze the work taking into account the theme of voluntary sacrifice for the community, an act that will take us to the dilemmas of the characters as Agamemnon and Iphigenia, from a destination already predicted by the oracle of Artemis.

KEYWORDS: Greek tragedy. Euripides. *Iphigenia in Aulis*. Human sacrifice.

¹ Doutoranda em Estudos Clássicos – especialização em Poética e Hermenêutica na Universidade de Coimbra e Investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. E-mail: alexasantos54@hotmail.com

*Ifigénia levada em sacrifício,
Entre os agudos gritos dos que a choram,
Serenamente caminha com a luz,
E o seu rosto voltado para o vento,
Como vitória à proa dum navio,
Intacto destrói todo o desastre.*
Sophia de Mello Breyner (1970, p. 103)

A tragédia *Ifigénia em Áulide* surge na esteira literária como uma das últimas obras de Eurípides juntamente com *Alcméon* e *As Bacantes*, com as quais forma uma trilogia, e foram apresentadas ao público após a morte do tragediógrafo pelo seu filho homónimo nas Dionísias Urbanas.

Existem vários mitos acerca do sacrifício ou do auto sacrifício de jovens mulheres, feitos de modo a repelir o ataque dos inimigos ou outra calamidade na sua cidade (HUGHES, 2000, p. 73). No entanto, estas referências acerca do sacrifício humano na Grécia Antiga não encontram propriamente eco nem na arqueologia, nem em registos que poderemos considerar históricos, mas poderemos dizer que o sacrifício humano aparece ligado ao culto dos heróis e de Ártemis e Diomedes², com relação ao literário.

² Há quem considere, no entanto, que os sacrifícios humanos foram praticados pelos gregos pré-helénicos, e que ao longo dos tempos, a referência a estes atos foram nascendo e morrendo nos mitos e nas literaturas (HUGHES, 2000, p. 191). Para desenvolver este assunto no que respeita a

Para se analisar esta questão do sacrifício, apontado como uma necessidade, deve-se ter em conta a afirmação de Aristóteles, na *Política* (1253a 2-3), de que ὁ ἄνθρωπος φύσει πολιτικὸν ζῷον³, “o homem é, por natureza, um animal sociável”. Assim, o filósofo apresenta o homem como ser que tendencialmente vive e convive dentro de um grupo social, regido por normas, na e para a *pólis*.

Neste âmbito, os bens e os interesses da comunidade situam-se acima do próprio indivíduo, e os sacrifícios humanos (como foi referido) apresentam-se, assim, como uma prática mítica que vai ao encontro do bem dessa comunidade. Mastronarde (2010, p. 206) afirma que os sacrifícios humanos não eram uma realidade para os Gregos no tempo de Eurípides, mas eram imaginados dentro do mito e ilustravam de forma inversa a correta estrutura do sacrifício (o sacrifício de um animal feito pelos homens para os deuses) que prevalece no ritual grego. E Eurípides faz desse um dos *leitmotiv* nas suas peças, contemplando, assim, uma situação extrema de devoção e reciprocidade entre homens e deuses⁴.

questões históricas e arqueológicas ver Hughes (2000).

³ Vd. ROSS, Ed. W. D. (1957) (ed). *Aristotle's Política*. Oxford, Clarendon Press.

⁴ Para o tema do sacrifício na religião e mito gregos, ver também SCHIMITT, J. (1921).

O mito de Ifigénia ligada aos sacrifícios humanos e a Ártemis tem eco anterior aos *Poemas Cíprios* de Estasino, e surge inicialmente como um culto primitivo e bárbaro, acto vulgar na época pré-homérica e, também, na época histórica, ainda que Homero manifestasse já um horror por eles⁵. Assim, no que respeita, por exemplo, à referência a esta questão na produção euripídiana encontramos *Ifigénia entre o Tauros* de Eurípides, onde nos surge Ifigénia, como sacerdotisa de Ártemis, entre o povo primitivo de Tauros que praticavam sacrifícios humanos.

A tradição faz do tema relativo ao sacrifício voluntário uma inovação subjacente à produção euripídiana. No entanto, há quem considere que não é de todo inovador, já que em Ésquilo e Sófocles o tema também é abordado. No entanto, a questão da adesão voluntária ao sacrifício é um elemento novo que se deve a Eurípides, e traz desta forma uma grandeza na questão do sacrifício (SILVA, 2005, p. 129). Mas deve-se ter em conta que na figura de Ifigénia, assim como na

de Políxena (*Hécuba*), Macária (*Heraclidas*) e Meneceu (*Fenícias*) há uma exigência prévia da morte, no entanto isso não tira a magnificência no ato da dádiva das suas vidas em prol de um bem maior. Ifigénia entrega-se voluntariamente ao sacrifício para que a Hélade não caia nas mãos dos Bárbaros e continue livre, pois o que “os Gregos mais apreciavam era sua liberdade: a não-submissão ao domínio estrangeiro e aos caprichos de autocratas irresponsáveis” (FERREIRA, 1992, p. 242). É nesta peça, mais do que em nenhuma, que a Hélade se manifesta como um todo. Atentemos, pois, nas palavras de Ifigénia:

δίδωμι σῶμα τοῦμόν Ἑλλάδι.
 θύει', ἐκπορθεῖτε Τροίαν. ταῦτα γὰρ μνη
 μεῖά μου
 διὰ μακροῦ, καὶ παῖδες οὔτοι καὶ γάμοι κ
 αὶ δόξ' ἐμή. ἤβαρβάρων δ' Ἑλληνας ἄρχ
 εἰν εἰκός, ἀλλ' οὐ βαρβάρους,
 μήτερ, Ἑλλήνων: τὸ μὲν γὰρ δοῦλον, οἱ
 δ' ἐλεύθεροι.⁶

Meu corpo entrego à Hélade.
 Sacrificai-me, destruí Tróia. Essa será,
 por longo tempo,
 a memória que de mim deixo, estes os
 filhos, e os
 esposais e a minha glória.
 Que os bárbaros os Helenos comandem
 é natural, mas não, mãe,
 aos Helenos, os bárbaros; cabe a estes
 a servidão, e àqueles, a liberdade.
 (vv.1397-1401)⁷

Freiwilliger Opfertod bei Euripides. Ein Beitrag zu seiner dramatischen Technik. Religionsgeschichtliche Versuche und Vorarbeiten 17(2); HENRICH, A. (1980). Human sacrifice in Greek religion: three cases studies. *Le sacrifice dans l'antiquité*; O'CONNOR-VISSER, E. A. M. (1987). *Aspects of human sacrifice in Euripides*; HUGHES, D. D. (2000). *Human sacrifice in Ancient Greece*.
⁵ Relativamente ao mito de Ifigénia ver: PAIS DE ALMEIDA, C. A. (1998). *Ifigénia em Áulide*, Coimbra, p. 25-34.

⁶ O texto em grego da tragédia Ifigénia em Áulide, apresentado neste trabalho, a partir de Eurípides. MURRAY, G. (1913) (ed). *Euripidis Fabulae*, vol. 3. Oxford, Clarendon Press.

⁷ PAIS DE ALMEIDA, C. A. (1998). *Ifigénia em Áulide*. Tradução. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian.

A peça *Ifigénia em Áulide* pertence, juntamente com *Hécuba* e *Orestes*, ao denominado ciclo troiano. Em várias peças, e *Ifigénia em Áulide* não é exceção, Eurípides não vê com bons olhos a empresa que foi Tróia e acaba mesmo por lançar sobre ela um certo pessimismo, já que trouxe graves consequências para os Helenos. Agamémnon torna-se um dos seus responsáveis, ao lado de Helena, e, segundo o poeta, o Atrida surge como o fraco e ambicioso chefe de um exército, que sacrifica a sua filha para que a partida de Áulide para Tróia seja possível (FERRREIRA, 1992, p. 378).

O tema central da peça é o do sacrifício de Ifigénia, preconizado pelo oráculo por imposição de Ártemis e necessário para que os barcos dos Aqueus, atracados em Áulis e chefiados por Agamémnon, sejam levados por ventos favoráveis até Tróia, a fim de vingarem e resgatarem Helena. Agamémnon, conhecedor do oráculo, manda a sua esposa Clitemnestra trazer a filha Ifigénia, sob a pretensão de esta casar com Aquiles, casamento que o próprio noivo desconhece. No entanto, o chefe Atrida atormentado tenta ainda anular a vinda de ambos, mas a carta que enviara foi interceptada por Menelau, seu irmão, que o ataca face a esta decisão, pois coloca os seus interesses pessoais à frente dos da Hélade:

Ἑλλάδος μάλιστ' ἔγωγε τῆς ταλαιπώρου
στένω,

ἦ, θέλουσα δρᾶν τι κεδνόν, βαρβάρους τ
οὺς οὐδένας
καταγελῶντας ἐξανήσει διὰ σέ καὶ τὴν σ
ἦν κόρην.
μηδέν' ἀνδρείας ἕκατι προστάτην θείμην
χθονός,
μηδ' ὄπλων ἄρχοντα: νοῦν χρή τὸν στρ
ατηλάτην ἔχειν:
πόλεος ὡς ἄρχων ἀνὴρ πᾶς, ξύνεσιν ἦν
ἔχων τύχη.

É a Hélade acima de tudo, a infeliz Hélade que eu choro, ela que, desejando levar a cabo algo de glorioso, vai deixar que os bárbaros se fiquem a rir só por tua causa e de tua filha. Nenhum chefe político ou militar eu escolheria pela sua coragem; inteligência é o que o general precisa de ter, na defesa da cidade. (vv. 370-375)⁸

Apesar de, posteriormente, Menelau mudar de opinião face ao sacrifício da sobrinha, Ifigénia e a mãe chegam a Áulide, acompanhadas do pequeno Orestes, e Agamémnon decide, numa reviravolta, acatar o oráculo, pois teme uma revolta do exército, e desta forma coloca em primeiro lugar o seu dever enquanto chefe: o sacrifício será consumado. Estão criadas as condições para o evoluir da tragédia.

O sacrifício de uma vítima humana, segundo Silva (2005, p. 129), gera um

⁸ ALMEIDA, 1998, p. 105-106. Tendo em conta os vv. 373-375 da obra, é interessante notar, como o faz Weffort (2008, p. 53), na faceta de Menelau, tendo em conta o âmbito sofisticado, aquando da referência à inteligência que o chefe de uma cidade deve ter. Nesse sentido, é bem visível a transformação que passa da *arethé* política à habilidade técnica, criando-se uma cisão entre o homem bom e o homem capaz.

conflito em que entram em contenda dois tipos de poderosos sentimentos: o amor cívico e os laços familiares. Esta questão é apresentada ao longo da peça: por um lado, temos o chefe Atrida que tem um dever perante os exércitos que tem sob o seu comando, que o leva a tomar a difícil decisão de acatar o oráculo e sacrificar a filha; por outro, a mesma personagem, que demonstra arrependimento depois da primeira tomada de decisão face ao sacrifício, pois quem terá de sacrificar é aquela que é sangue do seu sangue; os laços familiares encontram também uma sublevação nas palavras de ataque de Clitemnestra ao marido face a tal decisão, pois coloca o exército à frente da filha.

A figura que se torna crucial e que acaba por unir o lado cívico ao familiar é Ifigénia: apelando ao pai que não seja sacrificada, invocando os laços familiares que os une e transmitindo um grande amor pela vida, acata e aceita posteriormente a decisão paterna (ou melhor, oracular) do seu fim, pois sabe que morrerá em glória pela Hélade: “Ifigénia domina, assim, a peça, à medida que ela se move do seu medo inicial para a aceitação da morte” (SNELL, 1991, p. 399).

Mas por que o sacrifício de Ifigénia e não de outra pessoa, como alguns dos filhos de Menelau e de Helena? Sófocles, na sua tragédia *Electra*, explica esta situação: *Electra* responde a Clitemnestra dizendo que o pai havia incorrido na ira de Ártemis, aquando de uma caçada, já que

ao matar um veado no bosque da deusa, além de ter morto um dos seus animais, aclama que nem a deusa teria feito um disparo melhor. Ártemis, irada, exigiu assim que o chefe Atrida expiasse a morte do animal, e, só assim, conseguiria partir para Tróia.

Neste momento devemos considerar duas questões no que toca ao sacrifício: o sacrifício visto do ponto de vista expiatório e/ou propiciatório. Independentemente da fatalidade que pesa sobre a casa dos Atridas⁹, o fato de Agamémnon ter morto o veado de Ártemis leva-o a ter que expiar o crime cometido. Torna-se propiciatório na medida em que é necessário o sacrifício para assegurar os ventos para a expedição a Tróia (FREYBURGER-GALLAND, 2009, p. 381).

A tragédia, assim, demonstra o perigo dos excessos, da impiedade ou do excesso de confiança dentro de um sistema de símbolos representativos da ordem divina, política e social. No entanto, a violência das ações, o questionamento da justiça humana e divina, a procura da falha ou da traição pública, e da moralidade privada leva-nos para fora dessa mesma ordem (SEGAL, 1986, p. 25).

⁹ Cf. *Ifigénia em Áulide*: “Mas, porque arribámos a um destino inevitável,/ cumpra-se de minha filha a morte sanguinolenta” (vv. 511-512, p. 112).

Deste modo, é-nos apresentada uma novidade no que respeita à forma como é encarada a própria guerra de Tróia: não se trata apenas da questão da libertação de uma mulher, Helena, mas sobretudo de uma reivindicação da liberdade da Hélade perante os bárbaros. Mas, mais do que isso, trata-se de colocar em cena uma mulher, Ifigénia, que

deixa de ser a vítima passiva e fraca que arrastam brutalmente para o altar, [e que] o pai desumanamente sacrifica, para [se] instituir consciente, heroica e voluntariamente em arauto e símbolo digno de culto e selado pela morte daquela liberdade que aos Gregos cabe usufruir (ALMEIDA, 1998, p. 34).

Agamémnon, como foi referido anteriormente, é inicialmente um homem atormentado face ao destino que tem de dar à sua filha, e recua no que havia decidido, enviando uma carta para que Clitemnestra e Ifigénia já não venham a Áulide. A serenidade da noite contrasta com a perturbação que toma conta do chefe Atrida. Mas Menelau tenta chamá-lo à razão, pois assim, a Hélade ficará privada de grandeza, deixando os bárbaros impunes perante o ultraje cometido. Mas, como foi anteriormente referido, Menelau apresenta-se, posteriormente, como um homem que perante o sofrimento do irmão Ihe diz

para não sacrificar Ifigénia (v. 481)¹⁰. No entanto, Agamémnon aparece como o chefe do exército que o confrontará se não a sacrificar:

Μενέλαος
πῶς; τίς δ' ἀναγκάσει σε τήν γε σὴν κτα
νεῖν;
Ἀγαμέμνων
ἅπας Ἀχαιῶν σύλλογος στρατεύματος.

Menelau: Como? Quem te obrigará a matar a tua filha?

Agamémnon: A multidão toda do exército dos Aqueus (vv. 513-514).

Assim, decide desistir da sua filha por razões de autopreservação e conveniência política (SNELL, 1991, p. 398). Aqui reside, pois, uma das grandes razões que se prendem com a questão do sacrifício: o fator político. Apesar de Agamémnon tentar esconder as verdadeiras intenções da vinda de Ifigénia para Áulide, Clitemnestra acaba por descobrir o engano e afronta o Atrida: suplica-lhe, ameaça-o, mas tudo é em vão. A própria súplica de Ifigénia se torna infecunda, mesmo após um reencontro esfuziante e alegre da parte da inocente e terna menina. É triste ver a conversa que trava com o pai quando ele Ihe explica que tem de imolar uma vítima: ignora o facto de que será ela a vítima para a dádiva à deusa.

¹⁰

I.A.:
καί σοι παραινῶ μήτ' ἀποκτείνειν τέκνον μήτ' ἄ
νθελέσθαι τοῦμόν: "Agora sou eu que te digo
que não mates a tua filha" (p.111).

Ἴφιγένεια
ὄππερ ἔτικτεν ἤδε σοι, μή μ' ἀπολέσης ἄ
ωρον: ἡδὺ γὰρ τὸ φῶς βλέπειν.

Ifigénia
Não me mates antes do tempo. Pois
que, do dia
doce é a luz contemplar. (vv.1218-
1219)¹¹

Ifigénia não quer morrer. É jovem, ama a vida! Mas são jovens, e na sua maioria mulheres, que protagonizam os sacrifícios, e isto deve-se a várias razões: primeiro, devido à sua tenra idade, há um desprendimento natural da própria vida perante situações em que há a necessidade de dar a vida por um ideal; por outro lado, a tenacidade e a obstinação que estas heroínas manifestam na resolução de entregar a vida por esse ideal são resultantes de uma inflexibilidade juvenil, por uma voluntariedade que ainda não se viu forçada a dobrar-se pelas circunstâncias da vida. Na verdade, só aos jovens se concebe um compromisso tão radical como a entrega à morte voluntária, mesmo tendo consciência de que a vida é o bem mais precioso. Ifigénia, antes de aceitar o seu sacrifício, afirma: μαίνεται δ' ὃς εὐχεται θανεῖν. κακῶς ζῆν κ ρεῖσσον ἢ καλῶς θανεῖν, “é louco quem anseia morrer./ É melhor viver mal que bem morrer” (v.1251-1252)¹².

Mas, mais do que isto, o sacrifício voluntário associado a um jovem permite contrapor com eficácia, no nível dramático, o desprendimento e a pureza de intenções próprios da idade, diferentemente do egoísmo interesseiro dos adultos (RODRÍGUEZ MONESCILLO, 1994, p. 12).

Nesta tragédia, o tema do sacrifício une-se ao objetivo da expedição a Tróia. Assim, os sentimentos de Agamémnon pelo bem familiar são suplantados pelo bem da Hélade, independentemente do trágico que pode advir dos seus atos.

Perante o conhecimento de que será ela própria, Ifigénia, a ser sacrificada, o primeiro sentimento é de súplica perante o pai, e de joelhos se lança nessa condição e lhe pede para não a matar, e num longo discurso sentimental tenta alcançar o seu coração de pai (vv. 1216-1252). Estamos perante a dor euripídiana que é a dor do inocente, porque para o tragediógrafo o ponto de vista é o do sujeito humano (JAEGER, 2001, p. 403). Mas serão palavras proferidas em vão, apesar de Agamémnon dizer que ama os seus filhos, e é neste ponto que o chefe lhe fala da necessidade de a imolar “como reclama o adivinho Calcas” (v. 1262)¹³ e da “paixão, que desencadeia no exército dos Helenos/ a fúria de navegar a toda a pressa para o país dos bárbaros/ e de pôr

¹¹ I.A.: 152.

¹² I.A.: 153.

¹³ “μάντις ὡς Κάλχας λέγει”.

cobro aos raptos dos leitos da Grécia” (vv. 1263-1266)¹⁴. Nos versos seguintes, o nacionalismo da empresa está pela primeira vez presente nas palavras proferidas por Agamémnon, e sua filha aparece como a única solução para salvar a Hélade e fazê-la continuar livre:

ἐλευθέραν γὰρ δεῖ νιν ὅσον ἐν σοί, τέκνο
ν,
κάμοι γενέσθαι, μηδὲ βαρβάροις
ὑπο
Ἑλλήνας ὄντας λέκτρα συλαῖσθαι βίᾳ.

Que ela seja livre, preciso é, filha, tanto tanto quanto está nas tuas mãos e nas minhas, e que os bárbaros não nos despojem à força de nossos leitos, a nós, que somos Helenos (vv. 1273-1275)¹⁵.

Tendo em conta a aspiração à liberdade humana, o Homem vê-se forçado a reconhecer que não tem essa mesma liberdade. Já Hécuba, na peça homónima, dizia que *“Nenhum mortal é livre: ou é escravo do dinheiro ou do seu destino, ou então é a massa que governa o Estado ou são as limitações da lei que o impedem de viver segundo o seu arbítrio”* (v.864)¹⁶. Neste caso é a Hélade que reclama o sacrifício, apesar de ser contra a vontade de todos os que cercam Ifigénia. Tudo por um bem maior, e esse bem é a liberdade da Hélade.

¹⁴ “οὐδ’ ἔστι Τροίας ἐξελεῖν κλεινὸν βᾶθρον./ μέμνηε δ’ Ἀφροδίτη τις Ἑλλήνων στρατῶ /πλεῖν ὡς τάχιστα βαρβά--
ρων ἐπὶ χθόνα./παῦσαι τε λέκτρων ἀρπαγὰς Ἑλληνικῶν.”

¹⁵ I.A.: 153-154.

¹⁶ EURÍPIDES. *Hécuba* (apud Jaeger, 2001, p. 409).

Aquiles e Clitemnestra ainda tentam arranjar meios para salvá-la, entretanto Aquiles, o “noivo” prometido, anuncia que o exército deseja a imolação de Ifigénia (vv. 1346-1348), e que ele próprio correu riscos de ser lapidado pelo exército por tentar salvá-la (vv. 1349-1352).

Numa mudança de atitude, Ifigénia altera o rumo do seu destino aceitando voluntariamente o sacrifício: *καθτανεῖν μὲν μοι δέδοκται*, “decidi morrer” (v. 1375). É de salientar que esta mudança súbita de atitude é contestada tanto por Aristóteles como por Kitto. Na *Poética*, Aristóteles condena a falta de consistência nos caracteres, que é um dos pontos importantes na tragédia (1454a 26 ss.)¹⁷; Kitto considera mesmo que todo o discurso de Ifigénia de aceitação do sacrifício é “uma casta de tolices”. No entanto Eurípides apresenta-nos uma donzela que aceita o sacrifício não como um ato monstruoso ou como algo inevitável que poderá envolver outras pessoas, mas como a ação de alguém que assume uma morte gloriosa que se traduz num ato de salvação da Grécia, libertando-a, e ensinando uma lição aos bárbaros (KITTO, 1990, p. 317-318, e I.A. vv. 1370-1401). Ifigénia torna-se altruísta,

¹⁷ “E a quarta é a coerência: ainda que a personagem a representar não seja coerente nas suas ações, é necessário, todavia, que [no drama] ela seja incoerente coerentemente” (p. 124).

vai morrer pela comunidade, surge como “libertadora/ da Hélade” e por tal “uma glória bem-aventurada [lhe] caberá” (vv.1383-1384). A jovem entregará o seu corpo à Hélade, pois dela depende a travessia das naus e a queda dos bárbaros, e é nela que todos têm os olhos postos. Assim:

θύετ', έκπορθεῖτε Τροίαν. ταῦτα γὰρ μνη
μεῖά μου
διὰ μακροῦ, καὶ παῖδες οὗτοι καὶ γάμοι κ
αὶ δόξ' ἐμή.
βαρβάρων δ' Ἑλληνας ἄρχειν εἰκός, ἀλλ
' οὐ βαρβάρους,
μητέρα, Ἑλλήνων: τὸ μὲν γὰρ δοῦλον, οἱ
δ' ἐλεύθεροι.

Sacrificai-me, destruí Tróia. Esse será,
por longo tempo,
a memória que de mim deixo, estes
filhos, e os esponsais e a minha glória.
Que aos bárbaros os Helenos
comandem é natural, mas não, mãe,
aos helenos, os bárbaros; cabe a estes
a servidão, e àqueles, a liberdade.
(vv.1398-1402)

No fundo, Ifigénia não é mais sacrificada: Ifigénia sacrifica-se pela Grécia, pela Hélade como é constantemente referida na peça. É interessante notar que, neste discurso de aceitação de Ifigénia, encontramos toda a técnica da retórica humana para enfrentar da melhor maneira a situação, para consolidar a sua própria resolução e de modo a tentar ganhar a aquiescência de Aquiles e a resignação a longo prazo de Clitemnestra. No que concerne à temática, podemos considerar que a peça articula um processo de autodecisão acompanhada da razão e de valores (MASTRONARDE, 2010, p. 240).

Snell (1992, p. 175) refere que o sacrifício de Ifigénia é um sacrifício idealista, e trata-se de uma personagem que Eurípides aproveitou para expressar com a máxima pureza o fenómeno da moralidade e, como tal, essa moralidade não se fundamenta na cidade nem nos deuses, mas na pureza dos seus sentimentos, elevando-se, assim, acima de um mundo inconsistente e sem sentido.

Parte para o seu fim a terna, mas decidida Ifigénia, em prol do seu nome e do seu povo, e o Coro canta o significado que esta ação tem para toda a Hélade, uma ação em nome do pan-helenismo. Chega um mensageiro¹⁸ que conta a Clitemnestra “prodígios espantosos” (v.1538): Ártemis aceitou o sacrifício, mas no momento em que Agamémnon desfere o golpe fatal, a deusa substitui a donzela por uma corça, fazendo-a desaparecer do altar de sacrifício:

θαῦμα δ' ἦν αἴφνης ὄραν.
πληγῆς κτύπον γὰρ πᾶς τις ἦσθητ' ἄν σ
αφῶς,
τὴν παρθένον δ' οὐκ εἶδεν οὔ γῆς εἰσέδου
.
...ἔλαφος γὰρ ἀσπαίρουσ' ἔκειτ' ἐπὶ χθο
νι

Rápido à vista se oferece um milagre.
Nítido, todo e cada um sentiu do golpe o
baque,

¹⁸ De salientar que a autoria dos versos finais da tragédia não são atribuídos a Eurípides, e devendo ser de composição tardia, provavelmente de origem bizantina. Ver tb. Lesky (1995), p. 425 e (1996, p. 263).

mas a virgem, em que fauces terra
penetrou, ninguém viu
...uma corça palpitando no solo jazia
(vv. 1581-1587)¹⁹

Estão preparadas as condições
para a partida: eis os barcos que partem,
com Agamêmnon à chefia. À partida, o
Coro pede:

χαίρων, Ἀτρείδη, γῆν ἰκοῦ Φρυγίαν,
χαίρων δ' ἐπάνηκε,
κάλλιστά μοι σκῦλ' ἀπὸ Τροίας ἐλών.

Alegre parte, Atrida, para a Frígia terra,
alegre regressa,
para mim trazendo, de Tróia, despojos
de maravilha (vv.1627-1629).

Em suma, o sacrifício torna-se
necessário sobretudo por razões políticas,
e apesar de poder ser evitado por
Agamêmnon enquanto pai, não é feito
devido ao fato de a sua desistência poder
ser considerada como uma diminuição do
prestígio do soberano (SILVA, 2005, p.
155). Mas, apesar disso, se num primeiro
momento Ifigénia apresenta-se como uma
personagem apegada à vida e à família,
posteriormente, quando aceita sacrificar-
se voluntariamente, surge como alguém
carregado de bravura, nobreza e fama, e
é desta forma que a própria justifica a sua
decisão. As suas palavras transmitem a
procura de uma morte gloriosa, evitando
“amar a vida em demasia” (v.1385)²⁰,
resultando este sacrifício numa forma de
receber “uma glória bem aventurada”

¹⁹ I.A.: 172-173.

²⁰

καὶ γὰρ οὐδέ τοί τι λίαν ἐμὲ φιλοψυχεῖν χρεών:

(v.1384)²¹, já que a sua vida de mulher
salvará aqueles varões que também
estavam dispostos a morrer pela Hélade
(vv. 1387-1389). Assim, as razões de
Ifigénia morrer voluntariamente residem
tanto na sua nobreza como na sua
humildade e finalmente no orgulho de
realizar uma missão sublime que a
encherá de glória: Ifigénia é uma heroína
patriótica (RODRÍGUEZ MONESCILLO,
1994, p. 26).

Tomo a liberdade de colocar como
palavras finais estas de Jaeger
relativamente à obra de Eurípides e que
podemos realmente sentir:

Dimana desta nova lírica uma
profundidade de compreensão íntima
que penetra nas mais finas emoções da
alma alheia e as segue até às regiões
do anormal, com terna simpatia por
todos os encantos do que é pessoal e
inefável, tanto nos homens como nas
coisas e nos lugares (JAEGER, 2001, p.
407).

Bibliografia

- ALMEIDA, C. A. P. de (1998). *Eurípides: Ifigénia em Áulide*. Introdução e tradução. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian.
- ANDERSON, S. de M. B. (1970). Coral. In: *Antologia*. Lisboa, Moraes Editores.
- FERREIRA, J. R. (1992). *Hélade e Helenos: génese e evolução de um conceito*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro e Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

²¹ “μακάριον γενήσεται.”

- FREYBURGER-GALLAND, M-L (2009). Le sacrifice d'Iphigénie: métamorphose d'un mythe. *FEC – Folia Electronica Classica*, n. 18, Juillet-décembre. Louvain-la-Neuve.
- HUGHES, D. D. (2000). *Human sacrifice in Ancient Greece*. London and New York, Routledge.
- JAEGER, W. (2001). *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo, Martins Fontes.
- KASSEL, R. (1966). *Aristóteles: Aristotle's Ars Poetica*. Tradução. Oxford, Clarendon Press.
- KITTO, H. D. F. (1990). *A tragédia grega*, vol.1. Coimbra, Arménio Amado Editora.
- MASTRONARDE, D. J. (2010). *The art of Euripides: dramatic technique and social context*. New York, Cambridge University Press.
- RODRÍGUEZ MONESCILLO, E. (1994). El tema del sacrificio voluntario en la *Antígona* de Sófocles y sus versiones eurípideas. *Estudios Clásicos* 105. Madrid.
- ROSS, W. D. (1957) (ed). *Aristóteles. Aristotle's Política*. Tradução. Oxford, Clarendon Press. Disponível em URL = <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0057%3Abook%3D1%3Asection%3D1253a>.
- SEGAL, C. (1986) *Interpreting Greek tragedy: myth, poetry, text*. Ithaca and London, Cornell University Press.
- SEGAL, E. (1991). Euripides: poet of paradox. In: *Oxford Readings in Greek tragedy*. Oxford: Oxford University Press.
- SILVA, M. de F. S. e (2005). *Ensaio sobre Eurípides*. Lisboa, Cotovia.
- SNELL, B. (1991) From tragedy to philosophy. In: SEGAL, E. *Oxford readings in Greek tragedy*. Oxford, Oxford University Press.
- SNELL, B. (1992.) *A descoberta do espírito*. Lisboa, Edições 70.
- WEFFORT, L. F. (2008). *Poesia, retórica e educação na Ifigénia em Áulis de Eurípides*. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado.